

Luto e melancolia

© ROBERTO GIROLA (WWW.ROBERTOGIROLA.COM.BR)

Bibliografia

- ▶ FREUD, S. (1915). *Luto e melancolia*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 243-263.
- ▶ FREUD, S. (1914). *Além do princípio do prazer*. In: _____. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp 11-78.
- ▶ GIROLA, R. *A psicanálise cura? Uma introdução à teoria psicanalítica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2004 (cf. pp. 38-50 e 90).
- ▶ KEHL, M. R. *O tempo e o cão*. São Paulo: Bontempo Editorial, 2009.
- ▶ ROUDINESCO, E., PLON, M. *Melancolia*. In: *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 505-507.
- ▶ <http://www.robertogirola.com.br/index.php/component/k2/92-filmes/608-melancolia>
- ▶ <http://www.robertogirola.com.br/index.php/component/k2/88-comportamento/458-saudade-melancolica>
- ▶ Cf. também a **aula** sobre **Pulsão de morte**

Importância do tema

Embora depressão e melancolia não sejam a mesma coisa, existe uma conexão que liga sintomatologias que se confundem nos diagnósticos psiquiátricos e psicanalíticos: bipolaridade / ciclotimia, estados limítrofes, neurose obsessiva. (cf. Plón-Roudinesco/Kehl).

- Kehl diferencia depressão e melancolia: “aquilo que chamamos, sem grande precisão, de *depressão* é um quadro mais próximo da clínica das neuroses do que das psicoses. Quando um psicanalista ou um psiquiatra se refere a uma depressão psicótica ou “endógena” [-> psicose maníaco-depressiva], é bem provável que se refira a uma melancolia não a uma depressão. Isso vale inclusive para as depressões consideradas crônicas, que também podem ser, se não curadas, ao menos tratadas com os recursos da psicanálise. As depressões participam das estruturas neuróticas, mas é preciso tentar compreender sua singularidade. Não se confundem com estados de ânimo tais como tristeza, abatimento, desânimo, inapetência para a vida, embora todos estes participem também do sofrimento do depressivo. Por outro lado, também não se confundem com as ocorrências depressivas esporádicas a que todo neurótico está sujeito em razão de perdas, fracassos ou lutos mal-elaborados.” (KEHL, p. 14)

Característica da melancolia de Freud

Kehl, comentando o texto *Luto e melancolia*, observa que F, ao retirar da psiquiatria determinada sintomatologia, introduz uma visão psicanalítica da melancolia, mas o faz privatizando o conceito de melancolia e sem focar a peculiaridade das depressões (cf. “abandonaremos toda e qualquer reivindicação à validade geral de nossas conclusões” (FREUD, 1915, p 249):

“Além de introduzir um ponto de vista completamente diferente das classificações psiquiátricas de Pinel, Esquirol, Kraepelin, Séglas, Cotard e outros, Freud, ao propor que a origem inconsciente das queixas e autoacusações melancólicas seja o ódio recalcado por um objeto de amor precocemente perdido, veio a romper também com a longa tradição de pensamento sobre a melancolia que remonta à Antiguidade, passa pela Idade Média, pelo Renascimento e vem desaguar nas vertentes decadentistas do Romantismo do século XVIII e início do século XIX” (KEHL, p. 41)

Privatização da melancolia

“O ensaio ‘Luto e melancolia’ representa apenas uma entre muitas mudanças de paradigma introduzidas por Freud em relação aos saberes médicos e psicológicos de seu tempo. Mas se a psicanálise subverteu o sujeito da modernidade, sua própria invenção, a partir da descoberta do inconsciente, também foi tributária da revolução subjetiva que a modernidade provocou. O sujeito da psicanálise formou-se entre as contradições e os impasses provocados pela emergência do individualismo, essa formação subjetiva inexistente em sociedades pré-modernas.” (KEHL, p. 41)

“A melancolia antes de Freud – mas também antes de ser entendida como um *distúrbio* a ser curado pela medicina psiquiátrica – era vista como uma forma de mal-estar que denunciava o desajuste entre alguns membros de uma determinada sociedade e as condições do laço social. O melancólico, da Antiguidade até o Romantismo, era representado como alguém que perdeu seu lugar junto ao Outro, considerado em sua versão imaginária.” (KEHL, p. 44)

Depressão e melancolia

- Kehl alerta: “é importante não confundir depressão e melancolia. Muito menos imaginar que a diferença entre uma e outra seja de grau, sendo a melancolia uma forma mais grave de depressão. Apesar das diversas coincidências *sintomáticas*, a depressão é muito diferente da melancolia. A desesperança no melancólico, por exemplo, tem a ver com o fato de o Outro, em sua primeira versão imaginária (materna), não ter conferido ao recém-nascido um lugar em seu desejo. O melancólico ficou preso em um tempo morto, um tempo em que o Outro deveria ter comparecido, mas não compareceu. Já o tempo morto do depressivo funciona como refúgio contra a urgência das demandas de gozo do Outro. Em seu refúgio, o depressivo tenta se poupar do imperativo de satisfazer o Outro; no entanto, quanto mais ele se esconde, mais fica à mercê Dele. Se o melancólico representa a si mesmo como alguém sem futuro, uma vez que na origem da constituição do sujeito o Outro não esperava nada dele, o depressivo recua de todo movimento adiante na tentativa de adiar ao máximo o encontro com um Outro excessivamente voraz.” (KEHL, p. 20s)

Depressão e contemporaneidade

Alguns dados, embora não atualizados, mostram a relevância do que de forma genérica se diagnostica como depressão, sendo que frequentemente o diagnóstico psiquiátrico envolve do ponto de vista psicanalítico estados melancólicos:

- ▶ Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 615 milhões de pessoas no mundo sofrem da doença. As mulheres são as mais afetadas.
- ▶ A depressão é considerada a doença mais incapacitante (em 2010, 9,8% do total de vida saudável perdidos), ou seja, que impede a pessoa de fazer qualquer outra atividade.
- ▶ Somente 47% dos depressivos fazem terapia, mas apenas 27% se curam.
- ▶ No Brasil, em 2014, quase 22 mil pessoas passaram a receber auxílio-doença por causa do transtorno depressivo recorrente, segundo dados do Ministério da Previdência Social.
- ▶ Segundo levantamento divulgado em 2014, em 16 anos, as mortes causadas pela depressão cresceram 705% no Brasil, estando incluídos nessa estatística casos de suicídio e outras mortes motivadas por problemas de saúde decorrentes de episódios.

Depressão e melancolia

Depressão

- ▶ **Origem:** expectativas atribuídas à voracidade do Outro
- ▶ **Sensação:** impotência
- ▶ **Sintomas:** paralisia psíquica., passividade, desistência do próprio desejo, culpa, agressividade passiva, superego rígido
- ▶ **Estado psíquico correlato:** TOC, necessidade compulsiva de controle, esgotamento energético

Melancolia

- ▶ **Origem:** não ser olhado, falta de investimento (do ambiente inicial)
- ▶ **Sensação:** falta
- ▶ **Sintomas:** oscilação entre paralisia e excessos maníacos (euforia), atitudes sádicas / masoquistas, crítica e autocrítica exasperadas -> superego cruel, idealização
- ▶ **Estado psíquico correlato:** bipolaridade, surtos maníacos, ataques ao vínculo, agressividade, esvaziamento do EU

O texto freudiano

- ▶ A partir da sintomatologia geral, F estabelece uma conexão entre luto e melancolia.
- ▶ “O **luto**, de modo geral, é a **reação** | **à perda** de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém (...). Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuem uma disposição patológica...” (FREUD, 195, p. 249).
- ▶ À diferença da melancolia, por ser uma disposição temporária, o luto não é patológico, embora “envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida”.
- ▶ O luto não envolve um ataque ao Eu, como ocorre na melancolia.

Traços mentais da melancolia

Para F ““Os traços mentais distintivos da melancolia são (cf p. 250) :

- ▶ um desânimo profundamente penoso,
- ▶ a cessação de interesse pelo mundo externo,
- ▶ a perda da capacidade de amar,
- ▶ a inibição de toda e qualquer atividade,
- ▶ uma diminuição dos sentimentos de **autoestima**
- ▶ auto-recriminação e auto-envilecimento,
- ▶ expectativa delirante de punição.” -> **auto-sabotagem**

Etapas e trabalho do luto

Ao descrever o processo do luto (trabalho do luto) F identifica algumas etapas (Cf. p. 250s):

1. Oposição ao teste de realidade (perda do objeto amado) -> **Negação**
2. [O surgir da **agressividade** é examinado mais adiante: (cf. p. 256 -> slide 17)]
3. Desvio da realidade -> “apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo” (p. 250) -> **estado maníaco**.
4. prolongamento psíquico da existência do objeto perdido, com grande investimento catexial (lembranças) -> **evocação e hipercatexização do objeto perdido**.
5. **Finalmente**, “quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido.” (p. 251) -> **aceitação**.
6. Disposição para **novos investimentos objetivos**.

Características da melancolia

- ▶ A “melancolia está de alguma forma relacionada a uma **perda objetal** retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda.” (p. 251) -> **inibição “enigmática”** (falta abismal)
- ▶ À diferença do luto, na melancolia temos uma **diminuição da autoestima** que caracteriza um **empobrecimento do ego** em grande escala.
- ▶ F frisa a inutilidade de qualquer tentativa de convencer o melancólico que isso não é real: “O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor” -> “dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas.” (p. 252) -> Cf. A referência ao Hamlet como exemplo dessa severa autocrítica que se torna um cruel **ataque ao Eu** pois “não há correspondência entre o grau de auto-degradação e sua real justificação” (p. 252).
- ▶ Existe uma satisfação (gozo) no “desmascaramento de si mesmo” -> **perda do EU**: “No quadro clínico da melancolia, a **insatisfação** com o ego constitui, por motivos de ordem moral, a característica mais marcante.” (p. 253)

Melancolia e formação do eu

- ▶ Com o artigo *Luto e melancolia* “Freud introduziu (...) uma diferenciação funcional efetuada a partir do eu. Parte do eu, instância de ordem moral, instala-se numa posição crítica diante da parte restante do eu. Essa diferenciação, (...) constitui a primeira versão do que viria a ser o ideal do eu e, mais tarde, o supereu” (PLON-ROUDINESCO, p. 211)
- ▶ *Luto e melancolia* apresenta “a hipótese de uma reinscrição, no eu, do objeto perdido, causa da afeção dolorosa. Esse processo, (...) consiste na substituição de um investimento objetal por uma identificação (...). Os investimentos objetais partem do isso, concebido como o grande reservatório da libido (...). (...) todo abandono do objeto sexual traduz-se por uma modificação do eu, que, como na melancolia, apropria-se do objeto por identificação. Esse processo [permite] ‘concebermos que o caráter do eu resulta da sedimentação dos investimentos objetais abandonados’. As primeiras identificações, (...) têm um caráter geral e duradouro, e uma delas, a primeira, é responsável pelo nascimento do ideal do eu: trata-se da identificação com o pai”(Id., p. 214s).

Incorporação da falta (objeto perdido)

- ▶ Para F “as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente.” (FREUD, 1915, p. 254)
- ▶ Na **origem** da melancolia temos “num dado momento, uma escolha objetal, uma ligação da libido a uma pessoa particular; então, devido a uma real desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada, a relação objetal foi destroçada.” (p. 254)
- ▶ “A catexia objetal provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim **a sombra do objeto caiu sobre o ego**, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado.” (p. 254)

Supereu cruel e pulsão de morte

- ▶ “No caso da melancolia, o supereu se apodera do **sadismo** para arrasar o eu. Mas se trata, nessa situação, daquela parcela do sadismo que é irreduzível ao amor: sua **instalação no supereu** e seus ataques exclusivamente dirigidos contra o eu constituem o caso singular de uma **dominação absoluta da pulsão de morte**, passível, com muita frequência, de levar o eu a seu fim.” ((PLON-ROUDINESCO, p. 217)
- ▶ “Assim, a melancolia realmente constitui o caso excepcional em que as pulsões de morte, em virtude de uma desfusão, reencontram-se sozinhas, em estado puro, reunidas no supereu.” ((PLON-ROUDINESCO, p. 217)

Regressão narcísica e voracidade

- ▶ Citando Otto Rank, F observa que “a escolha objetal é efetuada numa base narcisista, de modo que a catexia objetal, ao se defrontar com obstáculos, pode retroceder para o narcisismo. A **identificação narcisista com o objeto** [objeto que não pode ser esquecido, cf. Green] se torna, então, um substituto da catexia erótica, e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa.” (FREUD, 1915, p. 255).
- ▶ No melancólico ocorre uma regressão para uma fase narcísica primária:, que resulta numa **incorporação do objeto primário** (estragado) e “deseja fazer isso devorando-o” (p. 255) -> **voracidade** do melancólico.
- ▶ A diferença entre esse tipo de identificação [incorporação] e aquela que ocorre nas neuroses de transferências é que nessas últimas permanece a catexia objetal, na identificação narcísica não há catexia objetal (pulsão de morte como desligamento, cf. Green) porque não há separação entre sujeito e objeto e portanto não pode haver catexia objetal.

Melancolia e organização sadomasoquista

- ▶ “A perda de um objeto amoroso constitui excelente oportunidade para que a **ambivalência** nas relações amorosas se faça efetiva e manifesta. Onde existe uma disposição para a **neurose obsessiva**, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob forma de auto-recriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto amado,” (p. 256).
- ▶ “Se o amor pelo objeto — um amor que não pode ser renunciado, embora o próprio objeto o seja — se refugiar na identificação narcisista, então o ódio entra em ação nesse objeto substitutivo [o Eu], dele abusando, degradando-o, fazendo-o sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento.” (p. 256s) -> **masoquismo**
- ▶ “A **catexia** erótica do melancólico no tocante a seu objeto sofreu assim uma **dupla vicissitude**: parte dela retrocedeu à **identificação** [com o objeto estragado], mas a outra parte, sob a influência do conflito devido à ‘ambivalência’, foi levada de volta à etapa de **sadismo** que se acha mais próxima do conflito.” (p. 257) -> **tendência ao suicídio**.

Dissipação do luto e da melancolia

F admite não poder explicar um fenômeno que associa melancolia e luto:

- ▶ “O fato de desaparecer após certo tempo, sem deixar quaisquer vestígios de grandes alterações, é uma característica que ela [melancolia] compartilha com o luto.” (p. 258).
- ▶ “(...) no luto, se necessita de tempo para que o domínio do teste da realidade seja levado a efeito em detalhe, e que, uma vez realizado esse trabalho, o ego consegue libertar sua libido do objeto perdido. Podemos imaginar que o ego se ocupa com um trabalho análogo no decorrer de uma melancolia; em nenhum dos dois casos dispomos de qualquer compreensão interna (*insight*) da economia do curso dos eventos.” (p. 258) -> cf. hipótese somática de F das das “toxinas”. (p. 258)
- ▶ Nos casos em que a organização narcísica foi gravemente afetada no entanto a possibilidade de sair dessa organização psíquica se revela particularmente difícil, exigindo um trabalho analítico especializado operando sobre a falha básica {cf. Balint em *Falha básica*}.

Bipolaridade: fuga para a mania

“A característica mais notável da melancolia (...) é sua tendência a se transformar em mania — estado este que é o oposto dela em seus sintomas.” (p. 258)

-> 2 observações:

1. Mania e melancolia lutam com o mesmo “complexo” .
 2. Na melancolia o Ego sucumbe ao complexo , na mania tenta superá-lo.”Em ambos os casos o motivo da dor e da euforia ficam ocultos (cf. p. 259).
- ▶ Trata-se de uma certa normalização “econômica” que pode ser atribuída à bipolaridade do funcionamento psíquico “normal”.
 - ▶ A análise, neste caso, efetua um trabalho de **separação** do objeto perdido. Trata-se de um trabalho progressivo e lento realizado não pela pontuação e interpretação, mas pelo “espelhamento” afetivo e empático do sofrimento psíquico do paciente.

Restauração ou constituição egóica?

- ▶ A “superação” do complexo melancólico “consiste no abandono, por fim, do objeto pela catexia libidinal ameaçada, (...) para recuar ao local do ego de onde tinha provindo. Dessa forma, refugiando-se no ego, o amor escapa à extinção. Após essa regressão da libido, o processo pode tornar-se consciente, sendo representado à consciência como um conflito entre uma parte do ego e o agente crítico” (p. 262) -> **redireciona agressividade.**
- ▶ “Do mesmo modo que o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo de continuar a viver (...), assim também [na melancolia] cada luta isolada da ambivalência distende a fixação da libido ao objeto, depreciando-o, denegrindo-o e mesmo, por assim dizer, matando-o. É possível que o processo no lcs. chegue a um fim, quer após a fúria ter-se dissipado, quer após o objeto ter sido abandonado como destituído de valor. (...). O ego pode derivar daí a satisfação de saber que é o melhor dos dois, que é superior ao objeto.” (p. 262)
- ▶ Necessidade de uma forte “anticatexia” (o analista) para a restauração do eu.